

Henrique Chaves, mas não é por isso mas pela ordem natural das coisas que é “um jornal vivendo do comércio lusitano”; redator-chefe, o italiano Carlos Parlagreco não abandona a reportagem, que divide principalmente com Afonso de Montauray; João Lopes Chaves escreve os artigos de fundo; Bilac, Guimarães Passos, Coelho Neto, Pedro Rabelo, Emílio de Menezes são os colaboradores mais conhecidos; um repórter ganha entre 150 e 200 cruzeiros mensais; um redator, entre 300 e 400; secretário ou redator-chefe, de 500 a 700; os artigos são pagos a 50 mil réis; ainda não chegaram os tempos das reportagens de Paulo Barreto ou da seção de Figueiredo Pimentel, o *Binóculo*, “bíblia das elegâncias da terra”. Alcindo Guanabara dirige *A Tribuna*, de que Antônio Azeredo é o proprietário e em que colaboram Eduardo Salamonde, Gastão Bousquet, Germano Hasslocher, como redatores, tendo três repórteres de futuro, Euricles de Matos, Irineu Marinho e Leal de Sousa.

À rua do Ouvidor, junto ao *Jornal do Comércio*, em velho prédio, fica *O País*, de que é mentor Quintino Bocaiuva, governador do Estado do Rio de Janeiro; por morte de Manuel Cota, trazido por Sebastião de Pinto, entra para a empresa, então, o português João de Sousa Laje, “grande capitalista, grande homem de negócios”; de gerente, passa a diretor, aproveitando a crítica situação financeira do jornal; sabe o caminho da salvação e envereda por ele com muita tranquilidade, senhor de sua arte; o secretário é Jovino Aires; na redação, trabalham Gastão Bousquet, Oscar Guanabarrino, Eduardo Salamonde; na reportagem, Jarbas de Carvalho, Virgílio de Sá Pereira, Gustavo de Lacerda; entre os colaboradores, brilha Artur Azevedo⁽²⁰¹⁾. À rua Gonçalves Dias continua o diário de melhor equipamento gráfico do tempo, o *Jornal do Brasil*, “ninho de coronéis da Guarda Nacional”, sob a direção de Fernando Mendes e Cândido Mendes, com o clássico português como secretário, no caso Artur Costa; na redação, destacam-se Afonso Celso, Andrade Silva, Osório Duque Estrada; os seus ilustradores

(201) “Na orientação da folha, Laje, amigo incondicional de todos os governos, serve-os com diligência e com agrado. Dá, de uma banda, e de outra banda, tira. . . É o dá cá, toma lá. Usa, porém, de processos inéditos para melhor vazar a tela do Tesouro. Sabe-se, por exemplo, que em casa de certo político, forte jogador de *poker*, de quando em quando perde somas enormes: cem, cento e cinquenta, duzentos contos de réis. . . Porque a má sorte o desajuda? Nada disso. Perde, porque quer. Perde para depois ganhar. . . Estratégia de homem esperto. Velhacaria refinada. . . Que, uns dias após ao gesto voluntário, procurado, consciente, vai ele ao que ganhou no jogo, ao parceiro feliz, e, sem lhe recordar o desastre, com lábia, pede-lhe então, choramingando, a ajudazinha de um negócio de polpa. . . Está-se a ver que o homem não perde tempo. Os cofres públicos arreganham-se aí, para servir ao pedinchão. Perdeu, dando, ao parceiro, duzentos contos? Pois vai levar seiscentos, oitocentos ou mil. E se lhe parece pouco, Laje recomeça. E tome mais poquerzinho, e outro negociozinho. . . Por isso, vivem políticos aflitos, solicitando-o para *pokers* em família. E ele a vender-se caro. . .” (Luís Edmundo: op. cit., pág. 954, III).